

Toponímia em Libras: Análise da origem motivacional em sinais toponímicos do Estado de Goiás

Toponymic study in Libras: Analysis of toponymic signs from the State of Goiás

Kássia Mariano de Souza¹
Ariel Novodvorski²

Recebido em: 30/10/2019
Aprovado em: 30/03/2020
Publicado em: 30/06/2020

RESUMO: A Libras é um sistema linguístico reconhecido e os estudos sobre sua estrutura vêm tomando grande proporção nas pesquisas brasileiras. Temos observado que teorias desenvolvidas para as línguas orais têm sido aplicadas às línguas de sinais, possibilitando estudos que, até pouco tempo, ainda não haviam ganhado abordagem científica e acadêmica. Nesse sentido, a pesquisa desenvolvida diz respeito à apreensão, registro e análise de alguns topônimos do estado de Goiás. A Toponímia é o campo da Linguística responsável por estudos referentes aos nomes de lugares como municípios, cidades, vilas, estados etc. Sendo a Libras um sistema linguístico disponível à comunidade surda brasileira, cabe indagar a respeito do modo como ocorre a nomeação dos espaços geográficos. Melo (2017) assevera que os nomes de lugares remetem à motivação do ser humano, logo, é a partir do estudo do signo toponímico que podemos compreender o reflexo cultural presente na ação de nomear os espaços geográficos. O foco deste estudo centra-se na relação intrínseca entre língua, léxico e cultura por meio da análise dos sinais toponímicos de Caldas Novas, Catalão, Morrinhos, Goiânia e Três Ranchos, de acordo com as taxinomias toponímicas de Dick (1990), que instrui sobre a origem motivacional de um léxico toponímico.

Palavras-chave: Libras; Toponímia; Origem motivacional.

ABSTRACT: Libras is a recognized language system and studies about its structure have been taking a large proportion in Brazilian researches. We have observed that theories developed to oral languages have been applied to sign languages, enabling linguistic studies that, until recently, had still not gained a scientific and academic approach. In this—regard, the research developed concerns to the apprehension, registration and analysis of some toponyms from the state of Goiás. Toponymy is the scientific field of Linguistics responsible for studies referring to the names of places such as municipalities, cities, towns, states, etc. Since Libras is a linguistic system available to the Brazilian deaf community, it is important to inquiring about how the naming of geographical spaces occurs. Melo (2017) asserts that place names refer to the motivation of the human being, so, it is from the study of the toponymic sign that we can understand the cultural reflection present in the action of naming geographical spaces. The focus of this study is on the intrinsic relationship between language, lexicon and culture by analyzing the toponymic signals of Caldas Novas, Catalão, Morrinhos, Goiânia and Três Ranchos, according the toponymic taxonomies by Dick (1990), which instructs about the motivational origin of a toponymic lexicon.

Keywords: Libras; Toponymy; Motivational origin.

1. Graduação em Letras Português/ Inglês na Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão (UFG-RC), Mestrado em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (UFG-RC), Doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) do Instituto de Letras e Linguística (ILLEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). ORCID: 0000-0002-3467-9694 E-mail: kassiamariana2008@hotmail.com

2. Doutor em Estudos Linguísticos (UFMG). Professor Adjunto do Instituto de Letras e Linguística (ILLEL) e do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). ORCID: 0000-0003-1370-8334 E-mail: arivorski@ufu.br

INTRODUÇÃO

A comunicação das pessoas surdas por meio de gestos remonta à Antiguidade. Com o passar do tempo, esses gestos foram sendo aprimorados até se constituírem em sinais. Por sinais entendemos o conjunto de vocábulos que dão origem ao léxico da Libras. Ressaltamos que, mesmo sendo disseminada e utilizada por grande parte das pessoas surdas durante muito tempo, foi somente no ano de 2002, por meio da Lei nº 10.436/02, que a proposta de reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) chegou ao Congresso Nacional, ocasião em que ela se tornou o meio de expressão e comunicação legal da comunidade surda brasileira¹. É salutar a importância dos estudos linguísticos para qualquer língua, seja ela de modalidade oral-auditiva ou visual-espacial, como é o caso da Libras.

O léxico, como parte cultural e estruturante de toda comunidade linguística, carece de abordagens teóricas e aplicadas frequentemente revisitadas, pelo fato de se constituir como parte do inventário aberto da língua, uma vez que se amplia de acordo com a necessidade do ser humano de nomear e categorizar seres, objetos e espaços. Barbosa (1992, p. 122) nos lembra que “todo sistema linguístico contém unidades lexicais, inventário à disposição dos falantes, unidades estruturadas de acordo com regras que permitem aos usuários a criação de novas palavras mais adequadas as suas necessidades de comunicação”.

Sendo, pois, o léxico toponímico parte essencial de uma língua, justamente por nomear espaços, e conseqüentemente refletir os aspectos culturais de um povo, carece de abordagens teóricas e analíticas que descrevam sua constituição. Na Libras, sabemos que ainda são raros os estudos toponímicos, e é por isso que nos dedicamos à apreensão, registro e análise de alguns topônimos do estado de Goiás.

Melo (2017, p. 126) assevera que “os nomes de lugares remetem à motivação do ser humano, em um determinado contexto cultural, a um sistema de práticas, valores, crenças e interesses a ele associados”. Logo, é a partir do estudo do signo toponímico que podemos compreender o reflexo cultural presente na ação de nomear os espaços geográficos. Esta é, portanto, uma das investigações que nos proporemos a realizar neste estudo, pois

¹ No contexto brasileiro, comunidade surda refere-se não apenas às pessoas surdas, mas a todos que militam na área da surdez, bem como do uso e difusão da Libras.

SOUZA, K.M.; NOVODVORSKI, A.

entendemos que a relação entre língua, léxico e cultura é indissociável. De Paula (2007) alega que a relação mais estreita entre língua e cultura se dá no plano do léxico.

Desse modo, acreditamos que a partir do estudo do signo toponímico poderemos compreender o reflexo cultural presente na ação de nomear os espaços geográficos. Esta é, portanto, uma das investigações que nos proporemos a realizar neste estudo, na relação intrínseca entre língua, léxico e cultura. Analisaremos as motivações para a criação dos sinais toponímicos de Caldas Novas, Catalão, Morrinhos, Goiânia e Três Ranchos, de acordo com as taxionomias toponímicas de Dick (1990), que instrui sobre a origem motivacional de um léxico toponímico.

Os autores cujas obras foram selecionadas para nos servir de aporte teórico principal são: Tavares e Isquerdo (2006) e Biderman (1984, 2001), que abordam os pressupostos teóricos da Lexicologia; Dick (1990), Melo (2017) e Souza-Júnior (2012), que tratam sobre os estudos toponímicos.

Buscamos com esta pesquisa, além de coletar, registrar e analisar alguns topônimos do Estado de Goiás, abrir caminhos para o fortalecimento das pesquisas toponímicas em Libras, sobretudo, no Estado de Goiás.

A Libras e os estudos linguísticos

Língua Brasileira de Sinais (Libras) é um sistema linguístico organizado e utilizado por pessoas surdas e ouvintes. Sua origem é a Língua de Sinais Francesa (LSF), que foi trazida ao Brasil em 1816 e, a partir de então, sofreu as influências culturais brasileiras, até se tornar uma língua de sinais própria do país, que tem o seu *status* linguístico reconhecido graças aos diversos aspectos que a caracterizam como uma língua. A formação dos sinais é um deles, pois é resultado de uma estrutura gramatical que se articula sistematicamente, de modo similar ao que acontece com o léxico nas línguas orais. Na Libras, os sinais existem a partir da combinação dos cinco parâmetros existentes: Configuração de Mãos (CM), Ponto de Articulação (PA), Orientação (O), Movimento (MO) e Expressão Facial e Corporal (EFC) (GESSER, 2009).

Os estudos linguísticos das línguas de sinais se principiaram pelo interesse em estudá-las enquanto línguas autônomas e as análises de Stokoe (1960), que descreveu a língua de sinais americana (ASL) e comprovou cientificamente que se tratava de uma língua e não de

SOUZA, K.M.; NOVODVORSKI, A.

simples gestos soltos dependentes das línguas orais, como até então se acreditava. No Brasil, os estudos linguísticos da Libras foram principiados por Ferreira Brito (1995), que instruiu sobre os princípios linguísticos da Língua Brasileira de Sinais e da Língua de Sinais Indígena da Tribo Urubu – Kaapor, localizada no interior do Maranhão.

A Libras é uma língua natural, que possui toda a complexidade dos sistemas linguísticos tanto quanto a Língua Portuguesa ou qualquer outra língua histórica e, por isso, não pode ser analisada com base na estrutura de uma língua oral, uma vez que sua gramática é diferenciada e independente da gramática da língua portuguesa (STROBEL; FERNANDES, 1998). Ela possui regras próprias e pode ser analisada sob a perspectiva dos níveis linguísticos fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático. Sua autenticidade é assegurada, dentre outros motivos, por sua capacidade de transmitir conceitos abstratos e por se constituir de unidades lexicais arbitrárias, elemento este basilar para a construção linguística, pois, conforme Frydrych (2012), a arbitrariedade existente entre significante e significado é uma das propriedades básicas de uma língua.

Sendo a Libras um sistema linguístico organizado e disponível à comunidade surda brasileira, deve ser capaz de, assim como qualquer outra língua, nomear os espaços geográficos por meio de sinais, que são as unidades formadoras do conjunto lexical da língua. Considerando ainda que a Libras é de modalidade visual-espacial e as línguas orais de modalidade oral-auditiva, propusemo-nos a observar a maneira pela qual é efetivada a comunicação mediante o uso do léxico toponímico, ou seja, analisamos a maneira pela qual estas unidades ganham vida e sentido em forma de sinais, já que é por meio deles que ocorre a comunicação das pessoas surdas.

Elencamos, então, como objetivo principal desta pesquisa, o registro e a análise dos sinais toponímicos referentes a Caldas Novas, Catalão, Morrinhos, Goiânia e Três Ranchos, municípios pertencentes ao estado de Goiás, que nos possibilitarão o início de constituição de um *corpus* especializado em Libras e, conseqüentemente, a identificação do processo de nomeação na Língua Portuguesa e na Libras, bem como as relações culturais e motivacionais existentes nesse processo.

Para dar cabo das discussões que ensejamos e das posteriores análises, convém apresentar as conceptualizações concernentes ao que acreditamos ser a gênese das questões trabalhadas em toda a extensão da pesquisa: as linguagens, a língua, o léxico e a cultura. Exibiremos cada um desses conceitos de acordo com a percepção de alguns teóricos.

Linguagens, língua, léxico e cultura: confluências com a Língua Brasileira de Sinais

Discutir léxico e Toponímia requer uma retomada pelos conceitos primordiais, e, dentre eles, o mais amplo: aquela que nos permite interagir com o mundo que nos rodeia atribuindo sentido a ele, a linguagem. Fiorin (2013, p. 4) entende que linguagem é o elemento que torna o mundo perceptível a nós, uma vez que é por meio dela que categorizamos a realidade – e até mesmo a interpretamos –, realizamos interações diversas, exprimimos sentimentos, criamos e mantemos laços sociais. Compreendemos, a partir dessas reflexões, que a linguagem se configura como um conceito amplo, capaz de abarcar tudo aquilo que, de alguma forma, comunica ou expressa algo, não necessariamente de maneira verbal.

Dentre as inúmeras formas pelas quais a linguagem pode realizar-se, há a linguagem verbal, que é aprendida sob a forma de uma língua. Nesse sentido, Fiorin (2013), embasado nas discussões saussurianas, pontua que a língua está dentro da linguagem e, nessa relação de pertencimento, torna-se uma parte essencial desta. De acordo com Halliday (1971), a língua é um potencial de significados em que todas as opções estão encaixadas no sistema linguístico, em redes de opções que derivam das diferentes funções da linguagem.

Sendo a língua formada por um sistema linguístico, que, por sua vez, é formado por signos que expressam o conhecimento de tudo que está a nossa volta, esses itens, se pensados em conjunto, dão origem a uma parte importantíssima da língua: o léxico, que, para Barbosa (1992, p. 122), consiste em um “sistema linguístico que contém unidades lexicais, inventário à disposição dos falantes, unidades estruturadas de acordo com regras que permitem aos usuários a criação de novas palavras mais adequadas as suas necessidades de comunicação”.

Pensando no léxico e sua capacidade de ampliação, logo nos remetemos à criação de palavras e a como se dá esse processo. Isso nos leva a refletir em que sentido ele é motivado ou não, isto é, se é possível ou não haver uma relação de representatividade entre o significado e o significante. Como o objeto deste estudo é o léxico da língua de sinais, procuraremos estabelecer conexão entre o signo linguístico toponímico na Libras e sua motivação enquanto unidade criada e difundida culturalmente por uma sociedade. O léxico toponímico se configura como uma forma de representação da cultura de um povo. De Paula (2007, p. 94) alega que a relação mais estreita entre língua e cultura se dá no plano do léxico.

Em vista disso, entendemos que a língua é o repositório das práticas e representações de um povo, que constituem a cultura, que, para De Paula (2007), significa:

[...] o conjunto de práticas sociais, situadas historicamente, que se referem a uma sociedade e que a fazem diferente de outra. Baseia-se na construção social de sentidos a ações, crenças, hábitos, objetos que passam a simbolizar aspectos da vivência humana em coletividade. Construída socialmente no cotidiano das relações humanas demanda que seja definida no seio das relações sociais e históricas que a amparam e por ela são caracterizadas (DE PAULA, 2007, p. 74).

A cultura, como conjunto de práticas sociais, diz respeito a tudo que produzimos e exprimimos em coletividade. São costumes, crenças, hábitos que se tornam comuns a um grupo.

Bosi (1992, p. 308) interpreta cultura como as manifestações materiais e espirituais de um povo, ou seja, “herança de valores e objetos compartilhados por um grupo humano relativamente coeso.”

Biderman (1984) define Lexicologia como uma ciência que procura estudar o léxico enquanto sistema, o modo como ele se estrutura. Na Lexicologia, a unidade lexical é estudada levando em consideração os vários sentidos e contextos em que ela pode ser empregada. A Lexicografia centra-se no registro do léxico geral de uma língua, seria, portanto, a aplicação dos estudos da Lexicologia. Na Terminologia, o estudo do léxico se dá no âmbito dos campos profissionais, técnicos e científicos, isto é, analisa-se o sentido do termo empregado em uma área específica, ficando a cargo da Terminografia o registro do léxico especializado.

Na Lexicologia, encontramos uma área responsável pelo estudo dos nomes em geral: a Onomástica. Dentro dessa ciência, existem outros dois campos que possuem objetos de estudos diferentes, sendo a Antroponímia dedicada aos estudos referentes aos nomes próprios de pessoas e a Toponímia, que investiga os nomes e o processo de nomeação de espaços geográficos.

De acordo com Melo (2017), a Toponímia tem sua origem na França em 1878 com August Longnon, que realizava estudo linguístico dos topônimos com o intuito de analisar a etimologia dos nomes, bem como as transformações morfossintáticas advindas do tempo. Ainda segundo Melo (2107), atualmente a Toponímia se restringe à observação dos aspectos envolvidos na prática de nomeação de lugares. As unidades linguísticas referentes aos nomes de lugares são entendidas dentro da Toponímia como léxico toponímico, que, nas palavras do

SOUZA, K.M.; NOVODVORSKI, A.

autor, “traduz diversos aspectos línguoculturais constituintes do processo de nomeação de cidades” (MELO, 2017, p. 127).

A Toponímia, por possibilitar diferentes perspectivas de análises, constitui-se como uma área interdisciplinar, pois se relaciona com outros campos de pesquisa. Desse modo, podemos sintetizar que o objeto de pesquisa da Toponímia é o léxico toponímico, observando a sua constituição, formação e transformações geradas ao longo do tempo (MELO, 2017).

Tavares e Isquerdo (2006) ponderam que:

Na dimensão linguística, o estudo dos topônimos – nomes de lugares – pode ser realizado sob diferentes perspectivas: análise de estratos linguísticos evidenciados pelos designativos, classificação taxionômica dos nomes e análise de taxes predominantes, discussão da motivação semântica dos nomes, estudo diacrônico referente às mudanças de nomes, análise da estrutura morfológica dos topônimos (TAVARES; ISQUERDO, 2006, p. 3).

Neste estudo em especial, atentamo-nos aos sinais toponímicos, dedicando à compreensão sobre a motivação de um signo linguístico em Libras que corresponde a um topônimo em Língua Portuguesa, levando em consideração as análises morfológicas e semânticas do signo linguístico toponímico na Libras.

No que se refere às motivações toponímicas, Dick (1990) apresenta um modelo teórico que totaliza vinte e sete taxes distribuídas em dois grupos, conforme a natureza motivacional, a saber: onze taxes relacionadas ao ambiente físico, denominadas taxionomias de natureza física; e dezesseis relacionadas ao homem e sua relação com a sociedade e a cultura, denominadas taxionomias de natureza antropocultural.

Cavalcante e Andrade (2009) destacam que durante o processo de formação de um topônimo, este recebe influências internas e externas que podem ser únicas ou combinadas - simples, composto ou híbrido. Essas influências podem advir das condições geográficas, históricas, culturais, sociais, etimológicas, semânticas, linguísticas ou taxionômicas. Podendo apresentar ainda transformações morfossintáticas, comparadas às outras unidades lexicais (línguas indígenas e portuguesas). Melo (2017) assevera que no campo do léxico toponímico, o sujeito nomeador ao escolher um nome próprio não o faz aleatoriamente, sem que este, de certa forma, não tenha para ele um significado, uma importância e que reflita aspectos peculiares do lugar: físicos, históricos, políticos, culturais, visto que não há neutralidade no uso dos signos.

SOUZA, K.M.; NOVODVORSKI, A.

Dessa forma, buscaremos investigar as razões que levaram à criação de determinado sinal em meio a tantas outras possibilidades. Sintetizando: registraremos e analisaremos o modo como se dá o processo de nomeação em Libras de cinco topônimos, buscando evidenciar as motivações para a escolha dos sinais que constituíram o *corpus* desta pesquisa.

Libras e Toponímia: um novo trilhar

Estudos toponímicos em Libras ainda são raros e carentes de abordagens científicas. Souza-Júnior (2012) pontua que, ao contrário da toponímia na Língua Portuguesa, as pesquisas toponímicas na Língua de Sinais ainda são incipientes. O autor destaca que nas Línguas de Sinais o processo nomeador se distingue do modo aplicado nas línguas orais, tendo em vista que o referente recebe um correspondente de natureza sinalizada. Na Libras, os nomes próprios nem sempre recebem um sinal imediato. Na maioria das vezes, utiliza-se empréstimos linguísticos por transliteração, isto é, o nome é sinalizado mediante a soletração por meio do alfabeto manual. Somente após a imersão cultural da pessoa surda no contexto do espaço geográfico em questão é que o topônimo recebe um sinal, que se cristaliza na comunidade surda.

No que diz respeito à formação dos sinais toponímicos e sua representatividade, entendemos que estes, ao contrário de outras unidades lexicais da língua, são de natureza motivacional e estão imbricados com o extralinguístico. No que se refere à arbitrariedade do signo linguístico, Saussure (2008), ao teorizar sobre signos, utiliza o termo arbitrário para definir o laço que une o significado e o significante. Para esse teórico, não há relação óbvia entre um e outro: “O laço que une o significante ao significado é arbitrário, ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário” (SAUSSURE, 2008, p. 81).

No plano das línguas de sinais, podemos afirmar que o sistema linguístico da Libras comporta os sinais arbitrários. Estes são representados pelos signos cuja sinalização não possui nenhuma relação de semelhança com o seu objeto, isto é, os sinais em si não carregam traços que remetam à palavra. Strobel e Fernandes (1998) sustentam que os sinais arbitrários são aqueles que não possuem semelhanças com a realidade a qual representam.

Contudo, conforme pontuado anteriormente, o léxico toponímico se destaca justamente por carregar em sua estrutura o caráter motivado, e, por isso, Dick (1990) esclarece que o

SOUZA, K.M.; NOVODVORSKI, A.

topônimo é caracterizado como um elemento linguístico comum de função onomástica que integra um processo relacionante de motivação, tornando possível deduzir conexões hábeis entre o nome propriamente dito e a área designada. Para a autora, a identificação toponímica sugere pistas e indica caminhos que levam à sua origem motivacional.

No Brasil, a professora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick se destaca pelo vasto trabalho toponímico que tem realizado desde 1980. A fim de categorizar e identificar as origens motivacionais do léxico toponímico, a pesquisadora propôs um modelo de taxionomias toponímicas que objetiva analisar a estrutura morfológica do nome para explicar a sua motivação. O modelo de Dick (1990) totaliza vinte e sete taxes, conforme apresentado nas Tabelas 1 e 2.

Tabela 1: Taxionomias de natureza física

Taxionomias de natureza física		
Nº	Taxe	Descrição
1	Astrotopônimos	topônimos que se referem aos corpos Celestes.
2	Cardinotopônimos	topônimos referentes às posições Geográficas.
3	Cromotopônimos	topônimos relativos à escala cromática.
4	Dimensiotopônimos	topônimos referentes às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura, espessura, altura, profundidade.
5	Fitotopônimos	topônimos originados de nomes de vegetais.
6	Geomorfotopônimos	topônimos referentes às formas topográficas, elevações ou depressões do terreno.
7	Hidrotopônimos	topônimos originados de acidentes Hidrográficos.
8	Litotopônimos	topônimos originados de nomes de minerais e de nomes relativos à constituição do solo.
9	Meteorotopônimos	topônimos relativos a fenômenos Atmosféricos.
10	Morfotopônimos	topônimos que refletem o sentido de forma Geométrica.
11	Zootopônimos	topônimos de índole animal.

Fonte: Elaborada a partir de Dick (1990).

Tabela 2: Taxionomias de natureza antropocultural.

Taxionomias de natureza antropocultural		
Nº	Taxe	Descrição
1	Animotopônimos ou Nootopônimos	topônimos relativos à vida psíquica e à cultura espiritual.
2	Antropotopônimos	topônimos relativos aos nomes próprios Individuais.
3	Axiotopônimos	topônimos que se referem a títulos e a dignidades que acompanham os nomes próprios individuais.
4	Corotopônimos	topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes.

5	Cronotopônimos	topônimos que encerram indicadores cronológicos como novo/nova, velho/velha.
6	Ecotopônimos	topônimos que fazem referência às habitações de um modo geral.
7	Ergotopônimos	topônimos relacionados aos elementos da cultura material.
8	Etnotopônimos	topônimos relativos aos elementos étnicos.
9	Dirrematotopônimos	topônimos construídos por meio de frases ou enunciados linguísticos.
10	Hierotopônimos	topônimos referentes aos nomes sagrados, às efemeridades religiosas, aos locais de culto.
11	Historiotopônimos	topônimos que se referem a movimentos de cunho histórico-social, aos seus membros ou ainda às datas correspondentes.
12	Hodotopônimos	topônimos relacionados às vias de Comunicação.
13	Numerotopônimos	topônimos que dizem respeito aos adjetivos numerais.
14	Poliotopônimos	topônimos constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial.
15	Sociotopônimos	topônimos relacionados às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade.
16	Somatotopônimos	topônimos com relação metafórica às partes do corpo humano ou do animal.

Fonte: Elaborada a partir de Dick (1990).

Em se tratando de Línguas de Sinais, Souza-Junior (2012) observou que uma importante e recorrente motivação para a formação de um topônimo em Libras não estava contemplado nas taxas toponímicas de Dick (1990) e, por isso, propôs a criação de uma nova taxa denominada grafotopônimo, que qualifica topônimos motivados pela grafia do nome em Língua Portuguesa. Considerando a pertinência para a presente pesquisa, incluiremos a taxa proposta por Souza-Junior (2012).

Análise do Corpus

Tendo em vista o modelo taxonômico de Dick (1990), apreendemos que os topônimos selecionados para esta pesquisa assim se classificam em Língua Portuguesa:

Caldas Novas: Hidrotopônimo, por ser a lexia “Caldas” um acidente geográfico, e Cronotopônimo por indicar a lexia “Novas”.

Catalão: Antropotopônimo, pois recebe o nome do fundador da cidade. Anteriormente a cidade era denominada de Sítio do Catalão.

Morrinhos: Geomorfotopônimo, por indicar uma condição de elevação do terreno.

Goiânia: Corotopônimo, pois é relativo ao nome do estado de Goiás, que, por sua vez, apresenta motivações da tribo indígena Goyá, que habitou o território por volta de 1647.

Três Ranchos: Numerotopônimo, por indicar adjetivo numeral e Ecotopônimo por indicar um tipo de habitação.

Para cumprir o objetivo desta pesquisa, que é a análise motivacional dos topônimos em Língua de Sinais, apresentaremos a imagem do sinal e, posteriormente, faremos a descrição fonológica de sua estrutura, de acordo com a proposta de Barros (2015), alterando apenas a Configuração de Dedo (CD), que foi proposta pela autora para atender a uma necessidade específica do Sistema Brasileiro de Escrita das Línguas de Sinais. Nesta pesquisa, a CD foi substituída pela Configuração de Mão (CM), que, acrescida de Orientação da Palma (OP), Ponto de Articulação (PA), Movimento (M) e Expressão Não-Manual (ENM) formam os cinco parâmetros que compõem o sinal na Libras. As CMs descritas nos sinais estarão em conformidade com Pimenta e Quadros (2006).

Imagem 1: Tabela de Configuração de Mãos (CMs).



Fonte: Pimenta e Quadros (2006, p. 73).

Considerando a existência dos sinais bimanuais, conceituados por Barros (2015) como aqueles que utilizam as duas mãos para a sinalização, as descrições contemplarão os

SOUZA, K.M.; NOVODVORSKI, A.

parâmetros anteriormente mencionados, especificando cada um deles de acordo com a mão dominante (MD) e a mão não dominante (MND) (BARROS, 2015).

Sinal toponímico de **Caldas Novas**:



Configuração de mão:  60

Orientação da palma: lateral

Ponto de articulação: em frente à boca

Movimento: tamborilar dos dedos e movimento retilíneo da mão em frente à boca.

Expressões não manuais: não há.

O sinal designado pela comunidade surda para nomear o topônimo **Caldas Novas**, assim como o nome em Língua Portuguesa, relaciona-se com as características físicas do local, tendo em vista que a cidade é reconhecida nacionalmente pelas nascentes de águas quentes naturais. Do mesmo modo que a lexia “Caldas” remonta às águas termais, o sinal toponímico também faz alusão à temperatura, sendo expresso pelo mesmo sinal de “quente”. Temos então um processo de neologismo semântico, pois o sinal do adjetivo “quente” passa a ser o sinal de um nome próprio, neste caso, um topônimo.

Sinal toponímico de **Catalão**:



Configuração da mão dominante:  29

Configuração da mão não dominante:  56

Orientação da palma da mão dominante: lateral

Orientação da palma da mão não dominante: para baixo

Ponto de articulação da mão dominante: em espaço neutro acima do antebraço da mão não dominante.

Ponto de articulação da mão não dominante: em espaço neutro em frente ao corpo.

Movimento da mão dominante: ondular triplo na extensão do antebraço em direção à mão não dominante.

Movimento da mão não dominante: não há.

Expressões não manuais: não há.

O sinal toponímico referente à cidade de **Catalão**, ao contrário do processo identificado no topônimo **Caldas Novas**, não possui relação entre a nomeação em Língua Portuguesa e em Libras. A motivação para a criação do nome na língua oral, conforme demonstrado anteriormente, está relacionada ao nome próprio de uma pessoa, no entanto, na Língua Brasileira de Sinais, o processo de nomeação se deu, primeiramente, por empréstimo linguístico da Língua Portuguesa por inicialização que, para Nascimento (2010), trata do processo de transliteração lexicalizada em que o sinal de determinada unidade é realizado a partir da Configuração de Mão da letra inicial do nome em Língua Portuguesa. Seria, portanto, uma incorporação morfológica de influências da língua oral sob a língua de sinais.

No caso do topônimo **Catalão**, a transliteração lexicalizada ocorre devido à configuração da mão dominante representar a letra “c” do alfabeto manual em Libras, constituindo, assim, um sinal de natureza grafotopônima, conforme a proposta de Souza-Júnior (2012). Há ainda

SOUZA, K.M.; NOVODVORSKI, A.

influências Geomorfotopônimas na constituição do sinal, uma vez que representa uma característica topográfica da cidade, que é o Morro das Três Cruzes, representado pelo movimento triplo da letra C sobre o antebraço.

Sinal toponímico de **Morrinhos**:



Configuração da mão dominante:  52

Configuração da mão não dominante:  56

Orientação da palma da mão dominante: para baixo

Orientação da palma da mão não dominante: para baixo

Ponto de articulação da mão dominante: em espaço neutro acima do antebraço da mão não dominante.

Ponto de articulação da mão não dominante: em espaço neutro em frente ao corpo.

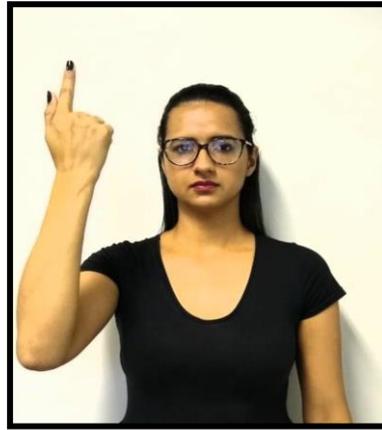
Movimento da mão dominante: ondular triplo na extensão do antebraço em direção à mão não dominante.

Movimento da mão não dominante: não há.

Expressões não manuais: não há.

Semelhante ao sinal do topônimo **Catalão**, o modo como **Morrinhos** é nomeado em Libras também remete ao empréstimo linguístico por inicialização através da letra “m” do alfabeto manual, sendo um sinal de origem grafotopônima, e os movimentos da mão dominante também fazem uma indicação geomorfotopônima das condições físicas do local e do nome em Língua Portuguesa. Como pode ser observado, neste caso, tanto a nomeação em Língua Portuguesa quanto em Libras pertence à taxa de Geomorfotopônimos.

Sinal toponímico de **Goiânia**:



Configuração de mão: 🖐️ 15

Orientação da palma: para frente

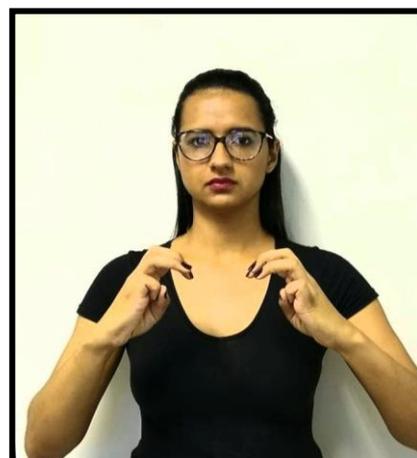
Ponto de articulação: em espaço neutro acima do ombro

Movimento: semicircular para trás, girando dedos e punho simultaneamente.

Expressões não manuais: não há.

O sinal que nomeia em Libras a capital do Estado de Goiás é também representado pela letra inicial do nome em Língua Portuguesa, o que o categoriza como sinal constituído por empréstimo linguístico de transliteração lexicalizada, marcado pela configuração de mãos em letra “g”, sendo, portanto, de natureza grafotopônima. A respeito da motivação cultural para a criação deste sinal toponímico, tomamos conhecimento que se trata de uma alusão à estátua do bandeirante, localizada em uma importante avenida da cidade. Desse modo, o sinal em Libras pode ser classificado como um topônimo pertencente à taxa Ergotopônimos, por representar um bem cultural material.

Sinal toponímico de **Três Ranchos**:



Configuração da mão dominante:  51

Configuração da mão não dominante:  51

Orientação da palma da mão dominante: lateral

Orientação da palma da mão não dominante: lateral

Ponto de articulação da mão dominante: em espaço neutro em frente ao corpo.

Ponto de articulação da mão não dominante: em espaço neutro em frente ao corpo, tocando as pontas dos dedos indicadores, médios e anelares da mão dominante.

Movimento das mãos: separando os dedos indicadores, médios e anelares de ambas as mãos ao mesmo tempo flexionando-os para baixo por três vezes.

Expressões não manuais: não há.

O correspondente em Libras para o topônimo **Três Ranchos** se origina das mesmas taxonomias que o nome em Língua Portuguesa: Numerotopônimo, por indicar adjetivo numeral na configuração de ambas as mãos, e Ecotopônimo, por indicar um tipo de habitação. Em Libras, este topônimo se materializa por meio da sinalização icônica de um rancho utilizando a configuração de mãos em numeral três fazendo, ainda, o movimento três vezes. Percebemos que o sinal, além de ser motivado pelo nome em Língua Portuguesa, ainda faz alusão ao substantivo “rancho”.

Conforme observado, as taxes propostas por Dick (1990), pensadas inicialmente para as línguas orais, neste trabalho foram aplicadas às línguas de sinais e se mostraram eficientes para as análises ensejadas. Apenas as motivações por empréstimos linguísticos não foram contempladas, devido à modalidade visual-espacial da língua de sinais. Fato este que foi observado por Souza-Júnior (2012), levando-o a propor uma nova taxe toponímica a fim de contemplar a língua de sinais, sendo essencial para as análises desenvolvidas neste estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que buscamos nesse trabalho foi compreender questões relativas à motivação do signo linguístico na Libras para a nomeação de espaços geográficos. Para constituir o *corpus* do estudo, selecionamos cinco cidades do estado de Goiás que tiveram seus topônimos

SOUZA, K.M.; NOVODVORSKI, A.

analisados em Língua Portuguesa e em Libras, com o intuito de compreender o processo nomeador em ambas as línguas.

O resultado das análises mostrou-nos que, dos cinco sinais, dois tiveram correspondência absoluta na nomeação em ambas as línguas: Morrinhos e Três Ranchos. Com o topônimo Caldas Novas, a equivalência é parcial, já que em Libras apenas a lexia “caldas” é levada em consideração por não haver nenhuma representação para “novas”. O topônimo Catalão apresenta direções contrárias na nomeação nas duas línguas envolvidas, sendo que, em Língua Portuguesa, o nome se dá em razão de um nome próprio de uma pessoa e, em Libras, devido a uma condição geográfica da cidade. Já Goiânia apresenta apenas a motivação grafotopônima, representada pela letra G do alfabeto manual.

Buscamos enfatizar o caráter sistêmico e autônomo das línguas de sinais, demonstrando seus aspectos estruturais e reconhecendo sua autenticidade enquanto língua natural. Discorreremos sobre concepções de léxico e sua dinamicidade, mostrando que este é aberto às mudanças e inovações decorrentes da categorização dos elementos que fazem parte da realidade vivenciada pelo ser humano, incluindo a nomeação de espaços geográficos.

Contudo, o que compreendemos com este estudo foi que as teorias linguísticas utilizadas, apesar de terem sido pensadas e desenvolvidas para as línguas orais, podem perfeitamente ser aplicadas e discutidas no plano das línguas de sinais, pois, ainda que se trate de modalidades de realizações diferentes, ambas possuem sistemas que as configuram como línguas. Ressaltamos que ainda há muitos caminhos linguísticos a serem percorridos no que tange à Libras e que as discussões aqui principiadas serão objeto de maior aprofundamento.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Aparecida. **Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia:** identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: II SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA. I ENCONTRO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA TECNO-CIENTÍFICA. **Anais...** Curitiba: IBICT, 1992.

BARROS. Mariângela Estelita. **ELiS:** sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais. Porto Alegre: Penso, 2015.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística:** teoria lexical e linguística computacional. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Glossário. **Alfa**, São Paulo, 28 (supl.), p. 135-144, 1984.

SOUZA, K.M.; NOVODVORSKI, A.

BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e culturas brasileiras: do singular ao plural. In: BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 308-345.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Lei Nº. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Disponível em: <<http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/99492/lei-de-libras-10436-02>>. Acesso em: 09 abr. 2018.

BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma Gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

CAVALCANTE, Lynara Raquel; ANDRADE, Karylleila dos Santos. **A motivação toponímica dos nomes dos municípios localizados à margem da BR Belém Brasília**. UFT, 2009. p. 2642-2649.

DE PAULA, Maria Helena. **Rastros de velhos falares**: léxico e cultura no vernáculo catalano. 2007. 521p. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Araraquara. 2007.

DICK, Maria Vicentina de Paula. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de Estudos. São Paulo, FFLCH/USP, 1990.

FIORIN, José Luiz (Org.) **Linguística? Que é isso?**. São Paulo: Contexto, 2013.

FRYDRYCH, Laura Amaral Kümmel. **Rediscutindo as noções de arbitrariedade e iconicidade**: implicações para o estatuto linguístico das línguas de sinais. ReVEL, v. 10, n. 19, p. 281-294, 2012.

GESSER, Audrei. Libras? Que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

HALLIDAY, Michael. Linguistic Function and Literary Style: an Inquiry into the Language of William Golding's *The Inheritors*. In: CHATMAN, S. (Ed.). **Literary style: a symposium**. London: Oxford University Press, 1971.

MELO, Pedro Antônio Gomes de. **Léxico toponímico**: alguns pontos de intersecções linguístico-culturais na toponímia municipal alagoana. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 123-140, jan./jun. 2017. Disponível em: <<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/598/409>>. Acesso em 08 ago. 2018.

NASCIMENTO, Cristiane Batista do. Empréstimos linguísticos do português na língua de sinais brasileira LSB: línguas em contato. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística). Brasília, Universidade de Brasília, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/9013?mode=full>>. Acesso em 10 ago. 2019.

SOUZA, K.M.; NOVODVORSKI, A.

QUADROS, Ronice Miller. PIMENTA, Nelson. **Curso de Libras 1**. Rio de Janeiro: LIBRAS Vídeo, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2008.

SOUZA JUNIOR, José Ednilson Gomes de. **Nomeação de lugares na língua de sinais brasileira: uma perspectiva de toponímia por sinais**. Dissertação (Mestrado em Linguística) Departamento de Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

STROBEL, Karin; FERNANDES, Sueli. **Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais**. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

STOKOE, Willian. **Sign and Culture: A Reader for Students of American Sign Language**. Listok Press, Silver Spring, MD, 1960.

TAVARES, Marineide Cassuci; ISQUERDO, Aparecida Negri. **A Questão da Estrutura Morfológica dos Topônimos: Um Estudo na Toponímia Sul-Mato Grossense**. SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 9/2, p. 273-288, dez. 2006.

Como citar este artigo (ABNT)

SOUZA, K.M.; NOVODVORSKI, A. Toponímia em libras: Análise da origem motivacional em sinais toponímicos do Estado de Goiás. SELL, Uberaba, MG, v. X, n. X, p. XXX-XXX, 2019. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

Souza, K.M.; Novodvorski, A. (2020). Toponímia em libras: Análise da origem motivacional em sinais toponímicos do Estado de Goiás. SELL, X (X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.